

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

111

ADDENDA ET CORRIGENDA Ad N. 460
INSCRIÇÃO 482



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES
SECÇÃO | INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

2013

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:



ADDENDA ET CORRIGENDA Ad N. 460

Partimos do princípio que o lapicida, iletrado, nada compreendera da minuta que lhe fora passada para as mãos. Daí a nossa interpretação, que pusemos de imediato à discussão. Congratulo-me vivamente por o nosso apelo ter sido muito bem aceite, sem demora. Reproduzimos de novo a epígrafe e vamos transcrever, como prometido, as contribuições que nos chegaram, sem obediência a nenhuma ordem nem temporal nem onomástica:

– **Bernard Rémy** (10-02-2013):

«Finalement je lirai plutôt *Berlus*. Regarde le L de la l. 2. Il est très proche de la quatrième lettre». «Pourquoi ne pas voir un autre dédicant *Moeilus*, (fils) de *Malrus*?». «Les T sont vraiment très proches des L».

– **Patrick Le Roux** (11-02-2013):

«Sans avoir vu la pierre et sans posséder tous les éléments il est difficile de formuler des remarques dignes d’être publiées.

La première concerne le décor de perles et pirouettes avec arche centrale: la sculpture en est très approximative d’après la photo et pourrait aussi résulter d’interventions postérieures. Il est difficile d’admettre qu’un lapicide inculte et faisant n’importe quoi ait été chargé de la gravure d’un monument qui se voulait orné sauf à l’occasion d’un remploi très tardif.

L’impression est que le monument a été retravaillé pour tenter de rétablir un texte devenu illisible ou incompréhensible: Maria suivi de AVI (ave ?) en ce cas fait penser à une christianisation involontaire plutôt qu’au gentilice féminin antique.

Les M ne sont jamais deux fois les mêmes; CEPLCA (avec ou sans point au milieu?) n’a pas de justification d’aucune sorte et les lettres ont une variation en hauteur étonnante aux deux premières lignes. A la fin on pourrait retrouver Filius Matri F C ? Berius Her ne veut rien dire.

Ce ne sont pas des arguments décisifs, mais il faudrait pouvoir



présenter des supports et des textes comparables avant de refuser l'idée qu'un personnage zélé qui avait voyagé en Italie ou ailleurs ait voulu embellir et préserver un témoignage du passé local. Naturellement le contexte archéologique pose alors aussi en ce cas des questions d'interprétation sur l'enterrement du monument auxquelles je suis incapable d'apporter un commentaire.

La conclusion est que je ne connais rien de semblable si le document est arrivé tel quel de l'Antiquité, les erreurs de lapicide étant normalement partielles et non généralisées si j'en juge par les travaux de Mallon.»

12-02-2013:

«Si CELPCA ou BERIVS/BERTVS, par exemple, sont des erreurs dues à la transcription des cursives en majuscules, il devrait être possible, comme l'a fait Mallon, de retrouver les mots originels.»

Essa é, na verdade, a questão: confirmamos.

– **Aires A. Nascimento** (10-02-2013):

Subordinado ao título «Ara funerária visigótica», teve a amabilidade de nos remeter um estudo completo, que mui gostosamente se transcreve e se agradece:

«Guardada no Museu Municipal de Moura, sem indicação de data de recolha, esta ara funerária, desenterrada em data indeterminada, constituída em mármore (material proveniente presumivelmente das pedreiras de Estremoz (Vila Viçosa), deve ser situada, quanto a nós, em período visigótico, a julgar pelos equívocos que nos parece documentar na interpretação de alguns caracteres que remontarão a formas da minuta transmitida ao lapicida, na qual adregamos reconhecer escrita minúscula visigótica.

Recuperando algum caso em que a letra está afectada por deterioração de material, há a notar a interpretação de tipo fonético (VISIC = *vixit*, em que se teria dado assimilação regressiva do X= CS), não a única possível, pois parece ser de reverter por se ter delido o C inicial de linha, pelo que se deverá admitir VI[C]SIT; por outra parte, não se deve assumir como dígrafo o grupo OE e se há-de admitir como pertencendo a sílaba própria cada um dos elementos em MOEILUS, aceitando como ditongo o grupo EI.

Mais significativa, porém, nos parece ser a correspondência entre C = T em caso como VICSIC = VIXIT. Tal correspondência levamos a admitir outras correspondências: assim CEBLCA = TEBLTA; todavia, em MALRI, é evidente que a recuperação se impõe também como MATRI e em [L]BERLVS há que reverter a forma para LIBERTVS. Dadas as correspondências evidentes, admitiremos que o lapicida recebeu uma minuta em escrita minúscula visigótica e que não conseguiu ultrapassar o *t* redondo dessa escrita, pelo que não

foi capaz de interpretar correctamente as formas a desenhar. Nessas circunstâncias, sou levado a considerar que ora transpôs como L ora como C o dito grafema.

Dificuldade maior reconhecemos na forma CEBLCA do *prænomen*, para que não se conhece adequação: aplicando a correspondência, teríamos TEBLTA; é inaceitável a sequência das três consoantes, pelo que uma hipótese seria admitirmos a inclusão de *i*, eventualmente grafado em junção com *t* e não entendido: *Teblita*. Noutra hipótese, admitindo que haveria que manter-se a inicial, teríamos *Ceblita*... Só um estudo comparativo de nomes, poderá, no entanto, chegar a uma aproximação maior.

Aceite a correspondência e as restituições apontadas, deduzimos que a data desta epígrafe tem de se colocar em período visigótico, em que a escrita permitia os equívocos apontados.

Estabelecemos assim, sob reserva, a nossa leitura:

D(is) M(anibus) S(acrum).
Ceblita Maria vi[c]sit an(nis) LX.
[Li]bertus heres Moeilus
Matri F(aciendum) C(uravit).
H: S: E: S: T: T: L:

Mais se há-de reconhecer que o lapicida conhece os formulários e não erra neles; foi traído por uma escrita que lhe era desconhecida e o induzia em equívocos, a que não quis substituir-se.»

– **Attilio Mastino** (10-02-2013):

«L'iscrizione è molto difficile, comunque mi sembra che la lettura sia esatta. STL e non STTL.»

– **Emilio Gamo Pazos** (07-03-2013):

«Ciertamente la concatenación de errores del lapicida hacen pensar en un individuo con un nivel de alfabetización bajo. Algunos de estos errores podrían derivar de particularidades de la lengua hablada en esta región. Así entre la tercera y cuarta líneas el uso de “s” en lugar de “x” en “*visic*” (forma errónea de “*vixit*”) puede derivar de una confusión en el habla común de “s” por “x”. Esta anomalía se ha detectado en inscripciones romanas de la región extremeña¹. Ejemplo de este empleo irregular está documentado

¹ SÁNCHEZ, Eustaquio, “El latín de Extremadura a partir de las inscripciones”, *Anuario de Estudios Filológicos*, 11, 1988, 376.

en una inscripción funeraria de Casas de Don Antonio (Cáceres) con el texto que sigue: *Iulius / Sestus f(ecit?) / Aream / usorem / a[n(norum)?...]* VII /...? (CIL II 723).

En otro orden de cosas entre las líneas 5 y la 6 la posibilidad de leer “*HER/MOFILUS*” abre otras perspectivas de interpretación del epígrafe². Este *cognomen* aparece con la citada forma en un epígrafe funerario de Tibur (CIL XV 7910), y con la forma “*Hermopilus*” en Zaragoza (CIL II 2996). Resulta interesante señalar como al final de la línea 7 de la inscripción que tratamos también se documenta una confusión entre “e” y “f”.»

– **Ivan di Stefano** (10-02-2013):

«Ad una prima lettura veloce, mi colpisce quel VISIC che io risolverei in VISI - forse pronunciato *vise* (visse italiano) = *vixit* – seguito da *c(irciter)*, attestato da qualche esempio e analogo al diffuso *plus minus*; segue un numero approssimato alla sesta decina, come accade spesso in casi analoghi. Sul nome CEPLCA non so cosa immaginare; forse nella lettura suonava *Cep(e)lca* (ma questo richiede altre ricerche).»

– **Julio Esteban Ortega** (14-02-2013):

«[...] Me parece aceptable vuestra interpretación, habida cuenta de la impericia del lapicida que comete numerosos errores.

La L en líneas 2, 5 y 6 parecen contener I, con lo que habría que leer *Ceplica*, *Berlius* y *filius* respectivamente. Líneas 5 y 6: *Berius Her/mo filius*; línea 7: *matri*.»

– † **José-Vidal Madruga** (10-02-2013):

«Estas son las pequeñas observaciones que he captado entre la foto y lo publicado. Te las mando a pesar de que no creo que resuelvan la lectura del epígrafe. Si las publicas, bien; y si no, tan bien.

Lín. 1: No me parece ver ningún resto de las posibles *hederae*.

Lín. 2: Me parece ver un punto tras la P: CEP · (¿Acaso abreviatura de *Cep(otaphium)*?)

Lín. 4: AN(*nis*) no ANN(*is*).

Lín. 5: La cuarta letra me parece una L ¿BERILVS con nexo IL? (Berilo en CIL III 6150). HER(*es*) no HERES.

Lín. 6: MOEILVS ¿por MOELIVS? (*Moelio*, dudoso teónimo, en HEpOL 16709; *Moeles* en HEpOL 784).

Lín. 7: MALRI ¿AMALRI con nexo AM? (*Amalricus* en *Germania*

² Agradecemos a R. Hernando sus indicaciones a este respecto.

Superior, E. Diehl, *Inscriptiones Latinae Christianae Veteres*, 2023).

Lín. 8: No me parece ver interpunción entre H y S, ni entre S y E».

– **José A. Correa** (14-02-2013):

Lectura propuesta:

D(is) M(anibus) s(acrum).

Cep-i-ca

Maria ui

sic an(nos) LX

Ber-i-us Her

mofilus

ma-t-ri fa(ciendum) c(urauit)

H(ic) s(ita) e(st). S(it) t(erra) l(euis)

Cep-i-ca: se puede discutir si la cuarta letra es L o una variante gráfica de la vocal I, con un ápice inferior inclinado y exagerado, apreciable también en l. 5 Ber-i-us (y, con otra explicación, en l. 7 ma-t-ri). A favor de la primera hipótesis, aceptada aquí, está el hecho evidente de su forma, pero cabe observar que el trazo inferior es algo más corto que el de las verdaderas L (l. 6 Hermofilus, 8 l(euis)), como sucede también en el numeral LX (l. 4). Cabe pensar, por tanto, que el signo tal vez equivalga a un trazo vertical anómalo y que habría que leer Cepica.

No encuentro este nombre en los repertorios de antropónimos latinos o griegos que me son accesibles ni tampoco conozco un nombre común o adjetivo idéntico, por lo que hay que pensar que se trata de un antropónimo indígena: la terminación en [ca] correspondería a un sufijo ampliamente documentado en la Península Ibérica en los nombres de origen indoeuropeo y, de acuerdo al lugar de hallazgo, la presencia de [p] en el antropónimo indicaría que es adscribible al lusitano, no a una lengua celta.

La anteposición del cognombre al nombre se debe al deseo de poner en lugar destacado (= línea 1) el que era el nombre usual de la difunta.

uisic: creo que es una grafía fonética de uixit más que un mero error de escritura. Aparentemente [wicsit] (uixit) se ha convertido en [wisic] (uisic) por metátesis de [c] favorecida por la posible pronunciación débil de la dental final, a la que sustituye.

Ber-i-us: aunque hay algún testimonio aislado de Berius, está mejor documentado Verius, por lo que me inclino a pensar que es un caso de betacismo. Para I vale lo dicho a propósito de Cep-i-ca.

Hermofilus: presenta una F de cuatro trazos (tres horizontales) con la característica inclinación hacia arriba del trazo superior, como se documenta en epígrafes de la región limítrofe española (Extremadura) (v. J. M. de Navascués, “De epigrafía cristiana extremeña. Novedades

y rectificaciones”, AEspArq 20, 1947, 265-309). Lo mismo sucede en la l. 7 fa(cendum). Es banal el uso de F en vez de PH, si bien es más regular a partir del s. III.

ma-t-ri: de nuevo aparece L (o, si se prefiere, la variante de I), aquí en vez de T, realmente de su trazo vertical, pues, al parecer por malinterpretación, se ha omitido el trazo superior.

fa(cendum): de nuevo aparece la F de cuatro trazos.

– **Julio Mangas** (10-02-2013):

«Lín. 5: para mí, visible BERLUS con rasgo horizontal de la L hacia abajo. Más: no hay espacio para [LI]».

– **Joaquín Gómez-Pantoja** (10-02-2013):

«En la última línea pone H·S·E·S·T·L, por lo tanto entiendo s(it)t(erra) l(evis)».

– **Manuel Ramírez Sánchez** (18-02-2013):

«Coincido con vuestro análisis de que se trata de un soporte excepcional cuyo texto no está a la altura de lo que sería esperable ante un monumento de tan bella factura. En la l.2 no encuentro alternativas a la lectura CEPLCA que ofrecéis, aunque sería posible lanzar algunas hipótesis deconstruyendo el texto y escribiéndolo en minúsculas, para intentar comprender qué estaba escrito en el borrador y malinterpretó el lapicida. Igualmente, coincido con vuestra lectura en la l.7, MATRI por MALRI, seguido de la fórmula FAC(iendum) C(urauit). En lo único en lo que quizá habría propuesto otra lectura alternativa habría sido en el texto de las ll. 5-6. En mi opinión, sería mejor leer BER<Y>LVS HER/MOFILVS antes que [LI]BERTVS HERES / MOEILVS.

– **Armando Redentor** (18-02-2013):

«D(is) (hedera?) M(anibus) (hedera?) S(acrum) / CEP(ionis?) · L(iberta) · CA/MARIA VI/CSIC (!) AN(nis) · LX / BER'YL'VS uel BER'IL'VS · HER(es)/MO(numentum) · EILVS / MALRIFA(cendum) C(urauit) / H(ic) S(ita) E(st) · S(it) · T(erra) · L(euis) (hedera).

A análise da foto sugere-me a leitura supra, embora apenas uma autópsia possa serenar alguma hesitação e dúvida que no meu espírito permanecem.

Apesar de inusitado, admito que a identificação da defunta possa constituir um exemplo de inversão dos componentes da nomenclatura, como indicia a pontuação que me parece vislumbrar-se: à frente a libertatio e depois o nome, translineado.

O nome do patrono, abreviado, pode corresponder, monotongado, a Caepio, com documentação lusitana, inclusive, bem próximo de Moura, em Mértola (IRCP 95). O nome da defunta corresponderá a

Camaria, antropónimo (gentílico) com comprovação extra-peninsular (cf. CIL III, 10183, Dalmatia), verosimilmente usado como idiónimo na inscrição. Como exemplo de cognome com a mesma base, veja-se Camarino (cf. AE 1925, 109, Moesia Inf.).

Também translineada, a forma verbal de grafia anómala, na qual se detectam traços da oralidade: VICSI, discernindo-se – assim me parece – o primeiro C, muito delido, no início da l. 4.

Na linha seguinte, a identificação do herdeiro. Pela foto, parece admissível um nexu IL ou YL, que viabiliza grafia não geminada do antropónimo grego Beryllus (cf. Solin 2003). Em caso negativo, uma interpretação Ber(i)lus talvez não seja de descartar.

A intervenção de um outro indivíduo na homenagem fúnebre deve ser admitida. A origem grega do seu nome é também de ressaltar. Antes do nome, a abreviatura de monumentum, assinalada por ponto. Eilus estará por Ilus (cf. Solin 2003), da mesma forma que se reconhece a forma Eirenaeus por Irenaeus (cf. Solin 2003), seguindo-se a forma Malri como genitivo antroponímico, possivelmente indígena. Depois, a abreviatura fa(cierendum) c(urauit), parecendo-me menos adequado o plural.

Fora da cartela moldurada, apenas o final da fórmula pode suscitar alguma dúvida, criando alguma hesitação na interpretação o que se gravou mesmo antes da hedera: nexu TL, com apenas meia barra, ou simplesmente um L, depois de se ter iniciado a gravação de um segundo T que não se completou? Apesar de inabitual usar-se nexu ligando siglas de palavras distintas, o estar-se em face de uma fórmula corrente talvez possa fazer a diferença.»

– **Cecilia Ricci** (10-02-2013):

D(is) M(anibus) S(acrum).

C(a)e(sia? na?) P.l. Ca=

maria vi=

sic (: *vicsi*) an(*nis*) LX,

Berius Her=

mo, fil(i)us

ma<t>ri fac(it)

H(ic) s(ita) e(st), s(it) t(ibi) t(erra) l(evis) -> TL legate.

– **Antonio Sartori e Serena Zoia** (11-03-2013):

Cert(ia ?) Ca=

maria vi=

sic (sic!) an(nos) LX

Berius Her=

mo fil(i)us 5

matrī fac(iundum curavit)

H(ic) s(ita) e(st) s(it) (tibi) t(erra) l(evis)

- l. 1: si propone R con coda alta “a cravatta”; L per T (lettura errata della minuta);
- ll. 1-2: Ca|maria (cfr. Camarius in Solin);
- l. 3: come già letto, sta per vi|xit;
- ll. 4-5: Ber|us Her|mo fil(i)us, oppure (ma meno bene) Berius Her|mofilus;
- l. 6: come già letto, matri fac(iundum curavit)
- l. 7: H(ic) s(ita) e(st) s(it) (**tibi**) t(erra) l(evis) <con una sola T>

– **Alfredo Valvo** (10-02 2013):

«[...] Soltanto alla riga 4 (dello specchio) trascriverei <HE>RES invece di [HE]RES perché non mi pare che siano cadute delle lettere all’inizio della riga. [...] Anche l’ultima lettera dell’ultima riga abbreviata la leggo in nesso con L: T(IBM) T(ERRA) L(EVIS). »

– **Ana María Vázquez** (9-02-2013):

«Aunque no tengo mas dudas que el nombre de la difunta (tal vez CEPLOCA) en la primera línea, no tengo duda de la segunda, MARIA VI/ SIC AN(nis) LX; pero a continuación leo BERTVS HERMOF (le sobra el rasgo inferior y pone E) ILVS MATRI FAC(iendum) C(uravit). [...] Es de señalar la repetición del nexo de la T+L que repite en la T de MATRI esta vez para escribir TR.

La E de Hermofilus puede ser una equivocación del lapicida, que parece tiene dificultad con la letra T, como sucede con la final de VISIT (que escribe C). Por tanto terminaria:

Bertus Hermofilus
matri faciendum curavit

Berto Hermofilo mandó hacerla para (su) madre.»

– **Luís Fraga da Silva** (11-07-2013):

«O nome LOVIA sobressaltou-me pela sua aparente consonância céltica/gaulesa. Revendo o *Dictionnaire de la langue gauloise. Une approche linguistique du vieux-celtique continental*, de Xavier Delamarre (2ª edição revista e aumentada, Éd. Errance, Paris, 2003), as analogias mais significativas poderiam ser:

LUBI, LUBIIAS, LUBITIAS: ama, que tu amas, amada (celta *leubh-, got. liufs, inglês love, etc.) p. 208-9;

LOVERNOS: repouso (var. LOVERNII etc.) p. 207;

LOUO <LAUO-: pequeno, ligeiro (var. LAUIUS, LOUESSA...) p. 207-8.

Seria muito interessante saber a opinião de celticistas profissionais sobre o assunto».

NUEVO EPÍGRAFE ROMANO EN MADRIGALEJO,
CÁCERES
(*Conventus Emeritensis*)

Madrigalejo es una pequeña localidad extremeña emplazada en el sur de la provincia de Cáceres. Desde el punto de vista histórico tiene cierta notoriedad, por haber sido el lugar donde falleció el rey Fernando el Católico el día 23 de enero de 1516.

En la *Hispania* romana pertenecería, posiblemente dentro de la *praefectura* o *regio Turgaliensis*¹, al *territorium Emeritense*, y se situaría muy cerca de la línea fronteriza con el espacio de *Lacimurga*². A vuelo de pájaro está a una distancia de unos 22 km de *Lacimurga* (localizada en término de Navalvillar de Pela, provincia de Badajoz) y a unos 42 km de *Turgalium* (Trujillo, provincia de Cáceres), que son las dos ciudades romanas conocidas más cercanas.

En su jurisdicción se han encontrado ya veinticinco inscripciones romanas³ – entre ellas dos de ciudadanos inscritos

¹ J. ESTEBAN ORTEGA, *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres. II. Turgalium*, Cáceres, 2012, 11. Sobre la *praefectura Turgaliensis*, véase A. M.^a CANTO, “Colonia Julia Augusta Emerita: consideraciones entorno a su fundación y territorio”, *Gerión* 7, 1989, 175-175.

² T. CORDERO RUIZ, “Una nueva propuesta sobre el *ager emeritensis* durante el Imperio Romano y la Antigüedad Tardía”, *Zephyrus* 65, 2010, 159-160.

³ Una última recopilación, con veintitrés inscripciones, en J. ESTEBAN ORTEGA, 155-167, n° 606-628. A ellas hay que añadir las dos últimas publicadas en J.-V. MADRUGA FLORES, “Nuevas inscripciones latinas de Madrigalejo, Cáceres (*Conventus Emeritensis*)”, *Ficheiro Epigráfico* 105, 2013, n° 465-466.

en la tribu *Papiria*⁴ –, a las que hay que agregar ésta que ahora se presenta⁵.

Se trata de un fragmento de estela de granito rojizo de grano fino, compacto y duro. Está rota por arriba, por la izquierda y por abajo, afectando a la última línea del texto conservado. El frontal y el lateral derecho están meramente alisados; el dorso, simplemente desbastado. Aún conserva restos de cemento, por su reutilización como material de construcción, que no impiden su lectura.

Se halló, a principios de junio de 2013, en la finca Ejido, conocida también como Huertas del Río, frente a la Fuente de los Grifos, al inicio del camino de la Isla antes de llegar al Barrio de San Juan, en el margen derecho de río Ruecas. Se entregó a J. Carranza, quien la conserva momentáneamente en su domicilio, para ubicarla después en la Casa de Santa María⁶, donde se está instalando un pequeño Museo Municipal.

Medidas: (30) x (27) x 16,5.

[*L(ucius?) · S*]ocoñi/[*us ·*] Nitor · ^β [*an(norum) ·*] LV · *h(ic)*
· *s(itus) ·* / [*e(st) · s(it) ·*] *t(ibi)* [*·*] *t(erra)* [*·*] *l(evis)* [*·*] *f(ili-)* [*·*]
/ - - - - -

Letras: 6.

⁴ CIL II 5294 = HEpOI 416: *M(arcus) · Victori/us · L(uci) · f(ilius) · Pap(iria) / Galba · an(norum) / LXX · h(ic) · s(itus) · e(st) · / s(it) · t(ibi) · t(erra) · l(evis)*; y HEp 8, 1998, 88 a = HEpOI 5855: *M(arcus) · Iuniu/s · M(arci) · f(ilius) · Pap(iria) / hic · sit(us) · est*. A lo largo de la reseña se remite a *Hispania Epigraphica Online* (HEpOI), que se puede consultar en <http://eda-bea.es> y donde se ofrece información más amplia y fotografías de los epígrafes citados.

⁵ El hallazgo me fue comunicado, como otras veces, por mi amigo Simón Carranza Gil, a quien, de corazón, se lo agradezco. No quisiera olvidarme de J. Carranza por las fotos y por su acogimiento. Igualmente, doy las gracias a Joaquín L. Gómez-Pantoja y a Donato Fasolini, por sus sugerencias e indicaciones valiosas.

⁶ La Casa de Santa María está declarada Monumento Nacional porque en ella fue donde murió Fernando el Católico. Por aquellos años formaba parte de una granja y hospedería pertenecientes al Monasterio de los Jerónimos de Guadalupe.

Letras capital cuadrada con algunos rasgos rústicos. Interpunción: triangular con el vértice hacia la izquierda. En línea 1: nexa NI. En línea 2: O perfectamente regular y R con el bucle sin cerrar. Y en línea 3: S inclinada.

Restablecer, en la primera línea, la parte perdida podría presentar algún problema, pero la redacción en nominativo del *cognomen* en la línea siguiente, con la presencia del punto posterior, presenta unas indicaciones de solución más que razonables. Igualmente, contribuyen a esa reposición las lagunas de la fórmula funeraria, que indican una ausencia de c.-2-3 caracteres al inicio de los renglones.

El difunto parece ser un ciudadano romano con *tria nomina*. La restitución del *praenomen* y del *nomen* como *Soconius*⁷, se basa en el hallazgo, geográficamente cercano, de una inscripción en Ruanes que los contiene⁸, y que, al igual que Madrigalejo, también se encontraba bajo la influencia de *Turgalium*. Otra posibilidad, al mismo o superior nivel que la anterior, es considerar el gentilicio *Voconius*, a pesar de que los primeros individuos extremeños de esta *gens* normalmente no llevan *cognomen*⁹, e incluso el más cercano¹⁰ lleva una “C” geminada. Por el espacio resultante, solo es posible admitir que originalmente se omitió la filiación¹¹.

⁷ Considerado, sin duda, como gentilicio latino por J. M. VALLEJO RUIZ, *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*. Vitoria, 2005, 507. *Socconia/ius* aparecen en la península italiana. Así, sin la “C” geminada, solamente se constata otro caso en Umbría: *CIL* XI 4714.

⁸ HEpOI 25599: *Soconi/a · Secun/da · L(uci) · f(ilia)*. Era, hasta el momento, el único testimonio constatado en la península ibérica. Con el nuevo hallazgo, es posible romper el aislamiento al que estaba sometido.

⁹ HEpOI 20902: *C(aius) Voconius C(ai) f(ilius) Pap(iria)* en Mérida (*Augusta Emerita*); HEpOI 21788; *Vocon[i]/us · Sem/proni [f(ilius)]* en Oliva de Plasencia (*Capera*).

¹⁰ HEpOI 20339: *L(ucius) Vocconius / L(uci) f(ilius) Pap(iria)* en Puerto de Santa Cruz (*Turgalium*).

¹¹ Otro individuo con *tria nomina* y sin filiación se halló en el mismo Madrigalejo: HEpOI 24164.

Nitor, que es un *cognomen* latino exclusivamente masculino, no se refiere a una cualidad física de los individuos, sino que es el producto de un concepto abstracto¹². Su significado es esplendor, brillo, nitidez. Hasta ahora, en *Hispania*, solamente se ha encontrado un individuo liberto de un *Nitor*, concretamente en la *Baetica*¹³; en el resto del imperio, y de forma escasa, aparece en la Gallia Narbonensis, en Roma¹⁴, y en Tours¹⁵.

El uso del nominativo, la disposición de los puntos triangulares y la sencillez de las fórmulas funerarias empleadas permiten proponer una datación en la segunda mitad del siglo I o en la primera mitad del siglo II d.C.

† JOSÉ-VIDAL MADRUGA¹⁶

¹² I. KAJANTO, *The latin cognomina*, Helsinki 1965, 232.

¹³ CIL II 1227 = HEpOI 1194: *A(ulus) Firmius Nitoris lib(ertus) Mela* en Sevilla. I. KAJANTO, sorprendentemente, no utiliza éste ejemplo hispano en su análisis.

¹⁴ CIL XII 1658 y CIL VI 8850, respectivamente.

¹⁵ M. Provost, *Carte archéologique de la Gaule 37: L'Indre-et-Loire*, Paris 1988, 103.

¹⁶ Cumpre-nos saudar emotivamente a memória do autor (13-12-1952 / 5-11-2013), que tão precoce e repentinamente nos deixou, escassos dias volvidos após o envio, a 23 de Outubro, desta que foi, portanto, a última das assíduas colaborações que teve, em vida, no *Ficheiro Epigráfico*. Que descanse em paz!



FOTO DE J. CARRANZA